

FACULDADE DE LETRAS
INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

CONIMBRIGA

VOLUME XXXI



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

1992

DOI: [https:// dx.doi.org/10.14195/1647-8657_31_11](https://dx.doi.org/10.14195/1647-8657_31_11)

ISSN: 0084-9189

RECENSÃO

ANTÓNIO AUGUSTO TAVARES, *Impérios e Propaganda na Antiguidade*, Editorial Presença, Lisboa, 1988. Coleção Textos de Apoio, n.º 27. 120 pp.

Trata-se, como o próprio Autor desejou, dum livro «para ser lido» (p. 10), que mostra como na formação e sobrevivência dos impérios, quaisquer que eles sejam e qualquer que seja a sua época ou o espaço geográfico em que se inserem, «a força da ideologia política», servida por eficaz propaganda, deteve papel preponderante.

Ligados como estamos, «por laços mais ou menos definidos, em qualquer dos casos indestrutíveis, às grandes civilizações da Antiguidade» (p. 19), interessar-nos-á saber — para melhor compreendermos o presente — como é que os detentores do poder em tais civilizações se promoveram e souberam ‘manipular’ os seus súbditos.

Escolheu António Augusto Tavares os impérios «que tiveram origem na Mesopotâmia, o império persa, o Império Novo no Egipto, o dos Hebreus e o dos Romanos» (p. 14), adiantando desde logo a conclusão a que chegou: «Em todos os casos, sem excepção, intervieram as armas e a força da ideologia»; «nenhum império se formou ou se aguentou sem a intervenção das forças armadas, sem uma estratégia militar e sem técnica de guerra» (p. 14). Contudo, o intuito do Autor é fixar-se

primordialmente na força da ideologia e na sua difusão através dos mais variados meios: inscrições, esculturas, moedas, a literatura...

Podemos dizer que o 1.º capítulo («Impérios e ideologias» — pp. 11-16) serve de introdução ao que se exemplifica nos seguintes, em relação aos impérios da Mesopotâmia (pp. 17-33); à tolerância persa (pp. 35-41); à mística imperial no Egipto (pp. 43-68); à história e ideologia dos Hebreus (pp. 69-91); e, finalmente, a Roma (pp. 93-117).

Foca o Autor, a propósito de cada um deles, os tópicos que considerou essenciais para melhor compreensão do tema, não se esquecendo, por exemplo, de frisar, em relação à história hebraica, quão importante foi a ideia de escolha divina do rei, o «rei pela graça de Deus» — que irá perpassar por toda a documentação oficial dos tempos medievos portugueses (uma alusão que, a talhe de foice, poderia ter sido feita na p. 85). Importante também o papel dos profetas como interventores no processo histórico (p. 85) ou uma história como a que nos conta o Livro de Rute, que detém «todo o *veneno* indispensável a uma propaganda inteligente e eficaz» (p. 90)...

Interessou-me, de modo particular, a temática relativa à história de Roma. Também aqui, o quadro é pintado em pinceladas largas, mais de sugestões que de análises concretas — que seriam, aliás, dificilmente integráveis numa obra que, propositadamente, se quis de leitura não fastidiosa (o tom, reafirma-se, é quase coloquial) e abarcando vasto horizonte geográfico e cronológico.

Em relação ao império romano, fala-se dos historiadores; dos poetas; dos artistas; dos oradores; da importante função das lendas como forma de gerar uma corrente heroica, de íntima ligação às 'raízes'; do veículo propagandístico que é também, através dos seus símbolos e lendas, a moeda que serve o dia-a-dia.

São apenas tópicos, dir-se-á; mas decerto poderão aliciar para outras leituras mais aprofundadas, em que a utilização política da religião — designadamente mediante o culto imperial — seja objecto de uma reflexão maior; em que os «Feitos do Divino Augusto», verdadeiro testamento político do primeiro imperador, sejam miudamente escalpelizados; em que uma figura como Mecenas e o círculo de intelectuais e de artistas de que Augusto argutamente se soube rodear se analisem, inclusive em flagrante comparação com a realidade actual; em que o papel deveras essencial dos textos epigráficos romanos possa ser abordado também.

Claro que, numa obra com estas características, há sempre a enorme dificuldade da selecção temática. Não foi esquecida, por exemplo, a coluna de Trajano (pp. 112-113), verdadeira obra-prima da propaganda oficial, que comemora, em pleno *forum* de Roma, a vitória do imperador sobre os Dácios, em 107 da nossa era. Um monumento a comparar com o importante *Tropaeum Traiani* mandado erguer na própria Dácia conquistada e hoje integralmente reconstruído — com não menor intenção propagandística — em Adamclisi, na Roménia. Trofeu oferecido aos deuses — que foram sobejamente propícios. Não nos admiraremos, pois, que, a partir do século IV, o Cristianismo se guinde paulatinamente a religião do Estado e que, no coro de S. Vital de Ravena, o imperador Justiniano (527-565) se sente num trono situado ao mesmo nível de Cristo soberano representado no mosaico que orna a ábside da capela-mor.

Refere-se, na p. 115 «o áureo de Augusto que representa a cabeça do imperador coroada de espigas, com a legenda 'César Augusto divino e pai da pátria'». Compreende-se que nem sempre é possível — nem necessário — citar o apoio bibliográfico utilizado; mas talvez neste caso, inclusive para abrir pistas a quem desejasse aprofundar o tema, se pudesse ter incluído, em singela nota de rodapé, a referência a esta, ao que parece, invulgar numisma. Na verdade, o I volume do *Catalogue des Monnaies de l'Empire Romain*, dedicado a Augusto e editado pela Biblioteca Nacional de Paris, em 1976, sob a responsabilidade de Jean-Baptiste Giard, não parece apresentar nenhum exemplo comparável (as referências a espigas que vêm nos índices analíticos não dizem respeito a ornatos da cabeça imperial). Por outro lado, as legendas habituais apontam para uma tradução diferente: «César Augusto, filho do divino, pai da Pátria».

Gostaria também de ter visto, no final do volume, uma bibliografia geral, ainda que sintética, que inclusive permitisse identificar melhor, por exemplo, a obra colectiva citada, pela primeira vez, nas notas 4 e 5 da pág. 16: *I Canali della Propaganda nel Mondo Antico*, Milão, 1976; e nos possibilitasse apercebermo-nos, em visão de conjunto, do que de mais importante interessa consultar sobre um tema deveras apaixonante — cujo aperitivo António Augusto Tavares aqui nos serviu.